

Paisagens da memória e memórias da paisagem: a arte de Frans Krajcberg

Miguel Luiz Ambrizzi

O artista em estudo é Frans Krajcberg (Polônia, 1921), o herdeiro das tradições da paisagem romântica, da arte política e da arte testemunhal. Após ter sido oficial do exército polaco entre 1941 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, e perder sua família incinerada, Krajcberg mudou-se para o Brasil e isolou-se em meio às florestas brasileiras onde, aos poucos, adaptou-se e amenizou o “trauma” do ser humano, como ele mesmo afirmou. Há aqui um deslocamento geográfico, paisagístico e identitário, sua família passou a ser a natureza e, quando viu esta ser queimada, começou a defendê-la com sua arte. Sua produção concentra-se em trabalhos fotográficos de paisagens que denunciam as queimadas nas florestas brasileiras e em esculturas feitas a partir de troncos de árvores queimados. O artista é observado através da teoria do trauma e das analogias entre imagens da natureza devastada e imagens das memórias de guerra, resultando na reafirmação da paisagem trágica, numa comparação entre as formas, ações e estratégias artísticas, românticas e contemporâneas da paisagem. A História da Arte e a História Cultural vêm traçando novas linhas para o tratamento dos temas da natureza tomada no seu aspecto de paisagem e de objeto de arte / objeto da cultura. Autores como Robert Lenoble, Keith Thomas, Simon Schama e John Berger são referências, no campo da pesquisa histórica, em suas diferentes abordagens da temática da natureza, do mundo natural, das paisagens e dos estudos do campo/cidade e suas representações. Na Geografia Cultural, os estudos da paisagem ganham uma dimensão de atualidade nas leituras de Jean-Marc Besse e de Luca Galofaro, fazendo transitar diferentes conceitos de paisagem até o desenvolvimento de uma noção estética de “paisagem contemporânea”. Desse modo, a reflexão artística ganha em historicidade e adensa a semântica do termo paisagem que não se restringe à perspectiva de um ponto médio da visão e da contemplação. A paisagem pode ser pensada enquanto tragédia e enquanto ação. O conceito de paisagem enquanto arte ganha contornos e conotações histórico-geográfico-culturais e vincula-se aos estudos dos imaginários sociais e das sensibilidades – traçando aqui as relações imaginárias produzidas na arte acerca da natureza, constituindo um tipo de ordem imaginária iniciada nos modelos do pensamento Romântico e tendo seguimento até o tempo recente. O artista é observado enquanto um ponto no cruzamento entre a memória (testemunhal) e a tradição (memória ou inventário de um modo de fazer e de apresentar / representar) paisagística. A noção de trauma elencada nos estudos dos relatos testemunhais combina aqui com o sentido de uma experiência trágica da paisagem na modernidade. A tradição paisagística já enunciava o problema da solidão e da individualização das formas da vida e da reclusão às funções do olhar e da restrição do sensível a um visual/inteligível. Um caminho contemplativo-fruitivo enunciado na formação do campo da Estética, fundado na experiência do isolamento, visto inicialmente como algo positivo e, logo, já na perspectiva crítica do Romantismo, tratado enquanto senso trágico, o do modo como historicamente passamos a nos relacionar com o mundo e com o Todo.